



**MUNDO
RIKBAKTSA**

O Mundo Rikbaktsa

Essa exposição é muito especial para o MAI e sua trajetória. Pela primeira vez conseguimos fazer um recorte das obras de um único artista indígena, um mestre na confecção de arte plumaria e que também teve sua participação com a co-curadoria para esta mostra.

Messias Rikbaktsa, 45 anos, morou por um tempo na Terra Indígena (TI) Erikpatsa em Brasnorte margem do rio Juruena - MT, posteriormente, se mudou com a família para TI Japuira localizada a 280 km de Juara – MT, na aldeia Acorizal que atualmente vivem cerca de 20 pessoas, onde só tem acesso fluvial.

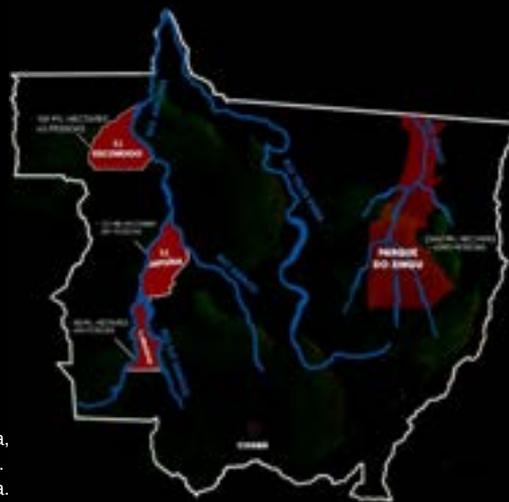


Foto fornecida por Messias Rikbaktsa.

Localização e Idioma

O povo Rikbaktsa conta atualmente com uma população de cerca de 1.800 pessoas (2020), que estão distribuídos em pelos menos 37 aldeias, nas Terras Indígenas (TI) Erikpatsa, Japuira e Escondido, no noroeste de Mato Grosso. Muitos escolheram viver às margens do rio Arinos, essencial para a vida Rikbaktsa.

Seu idioma está incluso no tronco linguístico do Macro-Jê. Hoje são os mais velho que possuem o maior conhecimento sobre a língua, os mais jovens que desejam se aprofundar e conhecer mais sobre o idioma normalmente se reúnem para ouvir suas conversas.



Mapa com as Terras Indígenas Escondido, Japuira, Erikpatsa e o Parque do Xingu em destaque. Produção de Artur Pereira.

Organização social

A sociedade é dividida entre metades distintas. A Makwaratsa é associada a arara amarela e a Hazobtisa é associada a arara cabeçuda, que é um tipo de arara vermelha, essas metades são divididas em diferentes clãs.

Dentro de uma aldeia as posições ocupadas na sociedade são definidas por grupos de idade, sexo, clã e a metade a qual pertencem. O sexo define um lado na divisão de trabalho e as tarefas que irão assumir ao longo da vida. Esse caminho é percorrido com um grupo de pessoas do mesmo sexo e por essa passagem, feita em conjunto assim como os rituais de passagem, constituem

um grupo de idade. A importância de alguém em um clã define possibilidades de casamento e o papel a ser feito durante festas coletivas e rituais, isso é sustentado por um sistema de reciprocidade com direitos e obrigações que existem entre as metades, a quebra dessa reciprocidade pode gerar conflitos.

As aldeias tradicionais eram organizadas em uma ou duas casas formadas por grandes famílias e uma casa para os homens, viúvos e jovens solteiros. Os Rikbaktsa não possuem uma forma definida para suas aldeias e se colocam ao longo dos rios Juruena e Sangue, como uma estratégia de vigilância e otimização de recursos naturais.

Também possuem um grande índice de igualitarismo interno, pois a socialização sobre as técnicas e conhecimentos sobre a natureza é de livre acesso e oralmente transmitido. Não existe a necessidade de um estoque de excedentes, pois estes já estão disponíveis na mata.



Foto retirada da plataforma digital Povos Indígenas no Brasil (PIB).

Casamento

Os casamentos são realizados entre as metades e o noivo deve se mudar e morar junto com os pais da noiva. O casal era escolhido ainda quando jovens pelos seus pais em uma reunião e eram observados pelas duas famílias. Observavam se o menino tinha as responsabilidades de caçador, pescador, trabalhador, se ele conseguiria suprir as necessidades da família. A menina também era observada, se ela possuía as habilidades na produção de artesanato, o tecer do algodão, se ela conseguiria fazer sua parte para cuidar da família. A cerimônia de casamento era assistida por todas as pessoas da aldeia e todos eram responsáveis pelo casal. No caso de muitos desentendimentos entre o casal, toda a família se unia para tentar resolver em conjunto, mas a separação também era recomendada, pois o melhor é sempre viver de forma tranquila.

Antigamente o casamento ocorria durante a madrugada, com um grande silêncio, o único som era feito pelo colar de casamento, este era feito de conchas, usado pela mulher quando ela atravessava a aldeia para chegar à casa onde aconteceria a cerimônia. Geralmente o casamento era feito na casa do rapaz, mas em casos em que ocorria na casa da mulher era o rapaz que atravessava a aldeia até a casa da moça. Quem oficializava o casamento era outro casal, quando o tempo da cerimônia se aproximava uma pessoa levava a

rede do homem até casa da mulher e a amarrava ao lado da rede dela, depois se iniciava o aconselhamento da vida de casados pela madrinha e pelas pessoas presentes. Logo em seguida as comidas e bebidas eram servidas, estas foram feitas pela família da mulher e do homem.

O colar de casamento é uma cultura material e imaterial do povo Rikbaktsa, ele é feito de caramujos tirados nas praias de água doce dos Rios Juruena e Arinos e um pingente plumário, este só é adicionado na cerimônia de casamento, em diferentes rituais é usado somente o de conchas. Chamado de Tutãã, ele serve para identificar a mulher que está se casando, a diferenciar das outras pessoas presentes e a deixar bonita. Um impedimento em relação para uso do colar, é que mulheres grávidas e seus maridos não podem tocá-lo, pois acreditam que isso impede que a criança tenha um bom desenvolvimento, ela seria como um caramujo.



Tutãã. (Imagem retirada dos banco de dados do Google)

A preparação para a cerimônia, consistia na mulher que está se casando se enfeitar com as pinturas corporais, o colar de conchas do casamento e uma pulseira do rabo de tatu. Ela se arruma com a sua madrinha, que também deve estar bem enfeitada, com colares de sementes, arte plumaria e as pinturas, ela é muito importante no casamento, pois é uma das pessoas que aconselha o casal. Durante esse processo de se arrumar, a mulher casando e a madrinha tem ajuda de outras mulheres da aldeia. O homem se preparava na casa dos homens, que ficava no centro da aldeia onde os homens se reuniam, ali eles se preparavam para se unir a futura esposa.

Como funcionam os nomes

Essa etnia tem uma importante relação com os nomes, uma pessoa pode receber de três a quatro nomes ao longo da vida. Cada clã possui um estoque de nomes, estes foram usados por gerações passadas e continuam sendo usados pelas gerações atuais. Existem os nomes de crianças e os nomes de adultos, as sugestões de nome vêm dos membros do clã do pai, mas a decisão é feita pelos mais velhos, nem sempre do mesmo clã, mas de mesma idade. Se reúnem antes da festa de derrubada da mata para o plantio e decidem quem vai receber um novo nome, no decorrer das festas o “dono da festa” anuncia às pessoas os seus novos nomes.

Somente as crianças pequenas são chamadas pelo próprio nome, os adultos e mais velhos chamam-se por termos de parentesco, nomes cristãos ou apelidos.

Seu nome próprio é conhecido somente por parentes mais próximos e aliados, pessoas desconhecidas ou mais distantes não possuem esse conhecimento. Para seus inimigos o nome não é dito. Também evitam pronunciar o nome de alguém que tenha morrido recentemente, o chamando só de “falecido”.

Rituais de passagem

Os meninos começam a acompanhar o pai entre os 3 e 5 anos, para conhecer o som dos bichos, o nome e as características das plantas e a geografia local. Com 8 a 10 anos já fazem seu próprio arco e flecha. Aos 11-12 anos recebem o furo no nariz e ganham o segundo nome, durante a festa do milho na estação de chuvas, e começam a frequentar a casa dos homens, aprendendo sobre as ervas medicinais, técnicas plumarias, arco e flecha adultos.



Foto retirada da plataforma digital Povos Indígenas no Brasil (PIB).

Ao mesmo tempo começa a assumir mais responsabilidades de provedor da casa e da aldeia participando de tarefas adultas. Aos 14-15 anos, quando já consegue abater grandes animais e sabe o suficiente dos rituais, ele passa pela furação de orelha durante uma grande festa, assim era introdução dos meninos para homens feitos, quando recebem o terceiro nome e já podiam se casar e participar de expedições guerreiras. Hoje os meninos são considerados adultos quando possuem as condições de idade e aprendizado, mesmo sem o furo das orelhas e o terceiro nome é recebido depois do casamento.

As meninas são nomeadas da mesma forma que os meninos, em festas de derrubada, porém passam por ritos de passagem diferentes. Elas recebem um nome do clã ao nascer. Depois da primeira menstruação, por volta dos 12 anos, elas recebiam o furo no nariz, hoje algumas escolher furar e outras não, mas é nessa idade que começam a tomar o “remédio do mato” que serve para diminuir a dor do parto quando tiverem seus filhos.

A tradição dizia que o pai deveria decidir quando a filha receberia as tatuagens faciais, os “riscos no rosto”, na mesma festa que os meninos recebiam o furo nos lóbulos, a partir desse ponto elas eram consideradas mulheres feitas, que estavam prontas para o casamento. Ela poderia receber o novo nome depois dos riscos no rosto ou logo depois do casamento.

Hoje já não praticam mais esse ritual, assim como a perfuração dos lóbulos dos meninos e as expedições de batalha, a experiência do guerreiro tem vindo da participação nas lutas de recuperação e manutenção do território.

Meios agrícolas e de caça

Os grupos familiares possuem sua própria autonomia política e econômica, constituem unidades de produto e consumo. Cada grupo doméstico forma sua própria roça e novas roças são abertas de dois a três anos, abandonam a anterior para reconstituição natural com a floresta. Normalmente são constituídas perto das aldeias, mas em algumas ocasiões também mantem uma roça mais afastada da aldeia, perto daquelas abandonadas, como uma reserva alimentar. A produção e consumo é normalmente dos habitantes de uma casa, a cooperação mais ampla na agricultura ocorre nos rituais agrícolas.

O consumo diário de alimentos é constituído pela caça, pesca e a coleta, que costumam ocorrer durante todo o ano. A caça, que é uma atividade masculina, abrange a maioria dos animais, como porcos do mato, anta, tatu, ariranha, araras, gavião, tucano, marreco e muitos mais, com a exceção do jacaré, o tamanduá-bandeira, cobras e “macacos da noite”. Na parte da pesca o consumo também é vasto e praticada o ano todo, mas nem sempre é farta, em épocas de chuva ele fica mais rara e menos frequente.

A coleta é praticada diariamente por homens, mulheres e crianças. A castanha é um alimento de grande importância em sua dieta, com um alto valor nutritivo e consumida de diversas formas – inteira, ralada, cozida como mingau, componente da massa do beiju, ou ainda óleo de fritura.



Castanha (Imagem retirado do banco de imagens Google)

A arte plumária

Outra característica dessa etnia é que costumam criar diversos tipos de aves, mantendo um estoque de penas para sua arte. Elas ficam ao redor das casas, dentro delas ou em árvores próximas. Eles demonstram muito carinho pelas aves, mas isso não os impede de arrancar quase todas suas penas quando precisam para confecção de seus enfeites.

Antigamente a combinação de cores nos enfeites plumárias podia indicar a posição social do indivíduo, hoje essa identificação já não é mais feita e as cores estão baseadas na disponibilidade de recursos.

Uma peça extremamente valorizada na cultura Rikibaktsa é o cocar denominado *Myhara*, este é usado em importantes rituais e em guerras. A confecção dessa peça é cercada de cuidados: os únicos que o fazem são os homens maduros, aqueles casados e com filhos, são eles que possuem a sabedoria sobre as tradições. É necessário que seja produzido em um certo período e as sobras dos enfeites devem ser aproveitadas rapidamente para outro enfeite, pois o cocar está ligado a manifestação de forças maléficas e o uso em outro enfeite evita que o produtor e a família recebam tais forças.



Myhara(Imagem retirado do banco de imagens MAI)

Nas guerras ele era utilizado com o objetivo de transformar o usuário, assim ele não seria reconhecido por seus inimigos, pois ao utilizar o cocar a pessoa fica totalmente diferente. Um elemento do cocar que auxilia essa transformação é o cabelo humano que faz parte desse cocar, pois faz o trabalho de esconder e cobrir o rosto, pois o *Myhara* é visto como uma máscara, escondendo o usuário.

A mística Rikbaktsa

Seu mundo místico acredita o destino dos mortos é derivado da vida que tiveram como seres humanos. Assim é possível que retornem novamente como seres humanos ou ainda como macacos da noite, aqueles que foram maus durante a vida voltam como animais perigosos para os homens, como as onças ou cobras. No meio de maio ocorre o ponto alto de seu ciclo agricultor, é quando as metades e seus clãs aparecem com as pinturas corporais, enfeites plumárias e toques de flautas, nesses momentos também encenam episódios místicos e lutas recentes pelos homens da comunidade.

REFERENCIAS:

Artigos:

AIKDAPA, Gesilene. Casamento Tradicional do Povo Rikbaksta. Barra do Bugres, 2016. Disponível em: <<http://portal.unemat.br/media/files/Gesilene.pdf>> Acesso em: 13/04/2023.

ZOTSITA, Idinei. Myhãrã – Capacete Tradicional do Povo Rikbaktsa. Barra do Bugres, 2016. Disponível em: <<http://portal.unemat.br/media/files/IDINEI.pdf>> Acesso em: 27/04/2023.

Sites:

Rikbatsá. Povo Indígenas da Brasil. Pib. Socioambiental. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Rikbakts%C3%A1>> Acesso em: 12/04/2023.

Terra Indígena Escondido. Terra Indígenas no Brasil. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3657>> Acesso em: 12/04/2023.

Terra Indígena Erikpatsa. Terra Indígenas no Brasil. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3839>> Acesso em: 12/04/2023.

Terra Indígena Japuira. Terras Indígenas no Brasil. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3705>> Acesso em: 12/04/2023.

Livros:

DORTA, S. F.; CURY, M. X. A Plumária Indígena Brasileira no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. Editora Ver Curiosidades. 2000.